

ASSOCIATIVISMO AGRÍCOLA

A COMPRA DE PROPRIEDADES PELO POVO DE MALPICA DO TEJO

por BENTO LEITE DE CASTRO

A povoação de Malpica, no concelho de Castelo Branco, conta cerca de 5.000 habitantes, os quais se dedicam quase exclusivamente á agricultura.

É uma zona com terrenos pobríssimos onde vegeta regularmente a azinheira e o sobreiro. O povo outrora trabalhava em rega por conta de outrem nos «montes» vizinhos, pertencentes a grandes proprietários de Castelo Branco. Trata-se de gente trabalhadora, unida e que mantém certos hábitos e costumes antigos, entre eles os traços regionais muito característicos e apreciados.

Como a terra é pobre e escassa, parte da população emigra para os grandes centros e estrangeiro, mantendo no entanto um apego ao seu torrão natal e uma amizade considerável com todos os que de ali são oriundos.

Há cerca de 35 anos esteve em venda uma das herdades próximas da povoação e os habitantes tiveram a ideia original de a comprarem em conjunto, para depois a distribuírem por todos os interessados. Esse sistema deu tão bons resultados que continuou a ser adoptado, e assim, sempre que está á venda uma propriedade nos arredores, o povo trata de a adquirir.

Deste modo já foram compradas 5 propriedades, a ultima das quais custou 650 contos, há cerca de 4 anos.

O sistema usado na compra e divisão des-

tas propriedades em Malpica do Tejo é o que resumidamente possamos a enumerar, parecendo-nos ser inédito no País.

Quando o povo tem conhecimento de que está á venda uma propriedade grande, nomeia uma comissão, em rega constituída por 3 indivíduos, que encarrega de proceder á compra e divisão dos terrenos.

Assim, essa comissão, depois de haver acordado com o medidor e preço da propriedade, realiza a respectiva escritura de compra, ficando a mesma em nome dos 3 indivíduos aos quais acrescentam... «e outros».

A comissão estabelece os lotes em numero sempre elevado, não podendo cada um receber mais do que um. Como alguns habitantes têm pequenas possibilidades financeiras e não podem portanto adquirir um dos lotes, associam-se com outros e dividem-no em várias fracções, conforme a quantia de que dispõem. Assim há lotes inteiros, meios, quartos, etc.

A comissão divide o terreno em tantas partes quantos os lotes, procurando que estes sejam o mais iguais possível, atendendo á área, natureza do terreno, arvoredo que possui, etc. Depois de feita a divisão, sem o emprego de quaisquer aparelhos, os lotes são sorteados e distribuídos depois aos respectivos interessados, de acordo com o sorteio.

Assim, por exemplo, a propriedade atrás referida que custou 650 contos, foi dividida em 65 lotes de 10 contos cada e por sua vez parte destes foi subdividida em meios, quartos, quintos, até décimos.

Uma dessas herdades foi distribuída por 366 famílias, o que já é muito importante.

Apesar deste processo aparentemente tão simples e inexacto, nunca surgiu qualquer divergência ou reclamação, tendo todo o povo acatado de boa mente o trabalho feito pela comissão por ele nomeada.

Mais tarde, cada novo proprietário das parcelas ou courelas vai á Secção de Finanças passar para seu nome a parte que lhe coube.

E o que é curioso é que, após a divisão

das propriedades pelo processo atrás descrito, se opera uma enorme transformação nos terrenos: cada um procura melhorá-los e dar-lhes um maior aproveitamento, não obstante a sua pobreza e secura.

Cortam o arvoredo existente, com a venda do qual por vezes conseguem realizar o dinheiro que lhes custou a parcela, e depois, como regra, plantam oliveiras, passando a cultivar ao mesmo tempo cereais, etc.

Um produtor referiu-me que havia comprado um dos lotes da propriedade de 650 contos, o qual lhe custara 10 contos e que nas 72 azinheiras abatidas tinha realizado 3.500\$00. Esse lote media 30 alqueires de terra (cerca de 5 hectares), no qual já tinha plantado 600 oliveiras e ainda esperava plantar mais 100. A rotação que adopta nesse terreno é no 1.º ano tremocilha para enterrar e no 2.º ano trigo.

Casos como o apontado mostram-nos bem o apego da população de Malpica pela terra, não se poupando a esforços, e o alto nível de associativismo que ali domina e que pode com justiça ser apresentado como exemplo, pois casos destes são muito raros.

Mas não pára por aqui essa união do povo de Malpica do Tejo: como tem plantado muito olival precisava de ter um lugar de azeite para laborar a sua azeitona. E assim fundou há 4 anos uma cooperativa de olivicultura, tendo construído um lugar de azeite modelar que custou mais de 800 contos. Essa cooperativa conta presentemente 320 associados, os quais estão dispostos a montar outras pequenas indústrias, como a de moagem, debulha de cereais, etc.

O exemplo de Malpica do Tejo começou já a frutificar, tendo o povo da freguesia vizinha de Monforte da Beira adquirido uma propriedade em conjunto nos mesmos moldes atrás referidos, e montado um lugar de azeite social, o qual pertence a 93 associados.